

O processo de identificação na atualidade com base na Teoria Crítica

Nivaldo Alexandre de Freitas

E-mail: nfreitas@usp.br

Resumo: Este texto pretende expor alguns elementos para a reflexão sobre a constituição do indivíduo na atualidade, por meio do conceito freudiano de identificação e pela leitura crítica do mesmo pelos teóricos da teoria crítica da Escola de Frankfurt, notadamente Adorno, Horkheimer e Marcuse. Serão apresentados alguns fatores que levam a mídia de massa a ocupar o lugar do ideal do sujeito, contribuindo para o fim da autonomia deste. É mostrado também que a mudança no processo de identificação corre paralela ao aumento da repressão imposta ao indivíduo. Por fim, serão expostos alguns aspectos relativos ao uso manipulado da identificação para promover a regressão do indivíduo, o que os autores da teoria crítica também associam ao conceito de mimese.

Palavras-chave: identificação; mimese; Freud; Adorno.

Abstract: This paper intends to expose some elements for a reflection about current human being constitution, employing Freud's identification concept and a critical analysis of this concept done by authors of The Critical Theory of Frankfurt University, specifically Adorno, Horkheimer and Marcuse. It presents factors that point the mass media as a subject ideal substitute, contributing to the destruction of the individual autonomy. It intends to show that changes at identification process occur in parallel to the increase at repression imposed to the person. At last, it exposes some aspects related to the manipulated use of identity, to promote a personal regression and to add the individual as mass, what the Critical Theory authors also associate to the concept of mimesis.

Key-words: identification; mimesis; Freud; Adorno.

Inicialmente, vale a pena esclarecer o motivo pelo qual a teoria crítica adotou a psicanálise como teoria explicativa do psiquismo. A história da filosofia tornou-se incapaz de explicar o fato de, numa época em que o indivíduo já possuía meios objetivos para a felicidade, a dominação e a miséria ainda causarem tanto sofrimento a uma grande parcela da humanidade. Somente a psicanálise poderia se debruçar sobre problemas tão fundamentais, como, por exemplo, a falta de resistência do indivíduo à opressão da totalidade e, até mesmo, a extinção do conhecimento de que existe algo contra o que resistir. O indivíduo que permitiu Auschwitz teria aderido à cega irracionalidade; somente uma reflexão que toma o irracional como objeto, e não como erro de pensamento, pode merecer atenção na atualidade.

Tal questionamento é colocado por Horkheimer e Adorno, bem como por Marcuse, mas com a ajuda de Freud. Alguns conceitos psicanalíticos são empregados por esses teóricos para explicar a adesão irrestrita a uma totalidade falsa. O primeiro, que parece ser importante e bastante profícuo, é o de identificação. Segundo Laplanche e Pontalis, pode-se defini-lo como um: “Processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações” (1999, p. 226).

Para Freud, o processo de identificação se inicia na família; com o declínio do complexo de Édipo, o sujeito prossegue na formação de sua personalidade por meio de identificações também fora do círculo familiar, com as figuras dos educadores, amigos, etc. Entretanto, decorrido muito tempo da análise de Freud, é preciso perguntar-se por seu atual valor explicativo, pois o conceito de identificação ainda é importante para explicar a formação do indivíduo, mas de uma forma talvez distinta da que assume na descrição de Freud.

Horkheimer e Adorno, já em 1944, elaboram o conceito de indústria cultural e mostram como ela atinge o indivíduo em seu âmago, de forma a influenciar, desde muito cedo, o processo de formação da sub-

jetividade, levando-o a se identificar com modelos oferecidos em escala industrial, não sendo mais privilegiados os da família, como na época da descrição freudiana. O sutil mecanismo usado pela indústria cultural para ajustar os indivíduos à esfera da produção, justamente em seu lazer, é denunciado por Horkheimer e Adorno como a realização, em sua máxima potência, do *esquematismo* do sujeito – conceito tomado de empréstimo de Kant e que consiste na capacidade intrínseca do sujeito de fazer a mediação entre os dados imediatos e sua própria razão pura:

A função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber, referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria. [...] Na alma devia atuar um mecanismo secreto destinado a preparar os dados imediatos de modo a se ajustarem ao sistema da razão pura. Mas o segredo está hoje decifrado. (Horkheimer e Adorno 1985, p. 117)

Assim, os detalhes mais íntimos do indivíduo são moldados pelas “atrações” oferecidas em grande escala e a preços muito acessíveis, como no cinema, ou gratuitamente, como no rádio e na TV.

A indústria cultural nivela todos os detalhes de seus produtos culturais, seus efeitos, e os submete-os à forma previamente estipulada da obra, eliminando qualquer tensão entre o todo e as partes – tensão que estaria presente em uma obra de arte legítima. A atrofia da imaginação ocorre devido à própria constituição do produto, ou seja, nenhuma psicologia requintada é necessária para atingir os extratos profundos do eu; somente é preciso produtos pobres em que aqueles nunca têm vez.

Horkheimer e Adorno evidenciam a manipulação do mecanismo da identificação pela indústria cultural, já que esta força o indivíduo a se ajustar aos modelos oferecidos por ela, os quais são tristemente comparados pelos autores às fechaduras, “que só por frações de milímetros se distinguem umas das outras” (ibid., p. 145).

Se, para Freud, a identificação é instrumento de individuação, por meio do qual a personalidade se forma, no capitalismo avançado ela é instrumento que conduz à perda da individualidade, de adesão irrestrita

à realidade. Tal realidade acabou aproximando o conceito psicanalítico de identificação a uma determinada acepção filosófica do termo, como aponta Rouanet:

Identidade, no sentido psicológico, acaba convergindo para identidade, no sentido filosófico, isto é, estado terminal de um processo no qual o múltiplo tende à unidade – literalmente, um processo de identificação –, transformação do idêntico no não-idêntico, do diferenciado no indiferenciado, do sujeito em seu modelo. (1989, p. 123)

No entanto, além do fim da individualidade, o estágio atual do capitalismo atinge até mesmo o domínio das moções pulsionais do indivíduo. Dita-se o que deve ser sentido como prazer e desprazer, decreta-se o fim da repressão sexual, mas, efetivamente, se oferece mais repressão, de forma tão controlada a ponto de o indivíduo não a perceber como tal. Esse é outro dos grandes engodos da indústria cultural: prometer incessantemente o prazer e apenas ceder mais esforço. A sublimação na indústria cultural toma a marca do tabu; a indústria cultural é pornográfica no chamado da pulsão, mas pudica em sua saciação. Ela apenas apresenta o objeto sexual, mas coloca a meta pulsional a uma distância suficientemente grande. Assim, ela apenas reprime, marcando aí uma diferença com a arte, que é sentida nas profundezas do eu. O conceito que hoje melhor explica a relação do indivíduo com a arte não é mais a sublimação, mas sim o conceito de fetichismo.

Dessublimação repressiva

Marcuse também descreve o fim do indivíduo autônomo no momento em que se opera a substituição do ideal de ego pela mídia de massa. Dentre as mudanças no indivíduo apontadas por Marcuse, a questão da economia pulsional também merece destaque, o que culmina na

conceituação de uma nova maneira de repressão social sobre o indivíduo: trata-se do conceito de *dessublimação repressiva*.

Em um ensaio de 1963, Marcuse deteve-se na análise da atualidade da psicanálise e mostrou sua obsolescência devido à transformação de seu objeto (1998, p. 91). O indivíduo que Freud descreveu enquanto encarnação de um id, ego e superego já não existe, mas com isso sua verdade não enfraquece, pois dá mostras de como o progresso foi, na realidade, repressão, colocando às claras “a política da sociedade industrial avançada” (ibid.). O sujeito descrito por Freud já estava sendo anacrônico na própria época de sua descrição; já se configura como uma imagem desbotada do indivíduo que estava desaparecendo.

Marcuse afirma que foram fatores históricos que tornaram essa concepção de homem obsoleta, pois, para Freud, o conflito entre indivíduo e cultura tem origem no conflito com o pai; a criança torna-se socializada primeiramente na família, sendo um eu *com* o outro, mas também *contra* o outro. Mas essa relação com a família mudou bastante: o pai perdeu sua função para a mídia massificada, agrupamentos escolares, esportivos, bandos de jovens, etc., e o filho passa a ser independente do pai em suas escolhas. A conflituosa relação com o pai perdeu lugar; com isso, os valores socialmente desejados já não são aprendidos na esfera familiar, mas fora dela: o ideal de ego vem de fora e antes mesmo da constituição do ego, o que faz com que determinados valores pareçam tão naturais. Mas quais são os fatos históricos que propiciaram tal mudança na relação familiar? Marcuse enumera alguns: passagem da concorrência livre para a organizada; concentração de poder nas mãos da administração técnica, cultural e política onipresente; produção e consumo de massa; e, por fim, sujeição do privado ao adestramento e controle metódicos.

O ego não possui mais condições para se desenvolver, pois a socialização é exterior a ele e o tempo livre é controlado e manipulado. O ego se esgota para encontrar sua identidade, acarretando “várias doenças psíquicas e afetivas que levam ao tratamento psicológico, ou se submete de boa vontade aos modos de comportamento e de pensamento exigidos,

alinhando seu eu sobre o de outros” (ibid., p. 99). Mas os outros são hostis, devido à concorrência: “a identificação com seu ideal do ego libera energia agressiva” (ibid.). O ideal de ego comanda, de fora, o desperdício da energia pulsional, não governando mais a consciência moral, mas agredindo os inimigos do ideal de ego. Esse ideal externo, todavia, não é imposto por força bruta, já que a coordenação entre o dentro e o fora é harmônica, feita antes da consciência. O pai passou a representar uma determinação negativa: a criança sabe que não é semelhante ao pai, mas ao vizinho, ao colega da escola, etc.

Marcuse aponta que, agora, são outros agentes que ocupam o lugar do pai. Que agentes? Segundo Freud, a autoridade precisa ser encarnada em uma *pessoa*, ligando-se a ela por vínculos sentimentais. As campanhas eleitorais mostram, por exemplo, que esses vínculos ainda existem. No entanto, não se trata mais da figura central do pai, e apenas de maneira falsa esses agentes se fazem passar pelo papel de personalidades, quando são, na verdade, comandados por uma instância superior; trata-se da “autoridade do aparato da produção dominante que, uma vez posto em movimento e movendo-se eficazmente na direção prevista, devora líderes e liderados – sem, contudo, eliminar a diferença radical entre eles, quer dizer, a diferença entre senhores e escravos” (ibid., p. 102).

Se o princípio da realidade é imposto ao ego frágil, se ele precisa se contentar com satisfações compensatórias, Eros se enfraquece e ocorre um aumento da energia destrutiva. Freud já terminava seu “O mal-estar na civilização” temendo o avanço da pulsão de morte em relação a Eros (1929, pp. 147-8); previa, de certa forma, os horrores que estavam por ocorrer em plena Europa “civilizada”. Nas condições políticas e sociais das sociedades capitalistas atuais, a energia destrutiva encontra seu objeto bastante concreto e *personificado*, como dizia Marcuse, no *inimigo* comum exterior ao grupo, escolhido pelos donos do poder segundo seus interesses. O progresso técnico a favor da vida é possível quando as energias destrutivas são guiadas pela energia libidinal – o uso médico do bisturi seria um bom exemplo. Com isso, o indivíduo deixaria de mirar apenas a

luta pela existência, podendo dar voz às satisfações eróticas autônomas. Isso levaria, diz Marcuse, a uma crescente *dessublimação*, promovendo a existência do indivíduo numa coletividade menos repressiva.

Mas, infelizmente, o conflito entre Eros e pulsão de morte não tem se encaminhado nesse sentido, pois, se ocorre *dessublimação*, a energia libidinal é controlada por meio de uma liberalização “que realça a satisfação obtida com aquilo que a sociedade oferece” (Marcuse 1998, p. 107). No entanto, com isso, tal energia perde a qualidade erótica essencial, que, segundo Freud, consiste na emancipação ante o social. Nos raros momentos dessa emancipação, evidenciava-se o conflito entre indivíduo e sociedade, e o quanto a liberdade era restrita.

Entretanto, numa época em que a sexualidade integra o ramo dos negócios, a própria repressão é recalçada, diz Marcuse, pois é o controle sobre o indivíduo que foi ampliado e não a sua liberdade. Assim se impõe um novo princípio de realidade, que promove uma *dessublimação repressiva* e, por meio de seus conceitos, a psicanálise permite entender o progresso como veículo de repressão: não podendo iluminar os fatos políticos, ilumina a sua abrangência nos que sofrem esses fatos. Até mesmo as resistências intelectuais são afetadas nesse processo, porque os objetivos mais elevados da cultura são atingidos pela satisfação administrada; a comercialização maciça das artes, literatura, música e filosofia retira-lhes o caráter crítico por meio de uma imposição de equivalência qualitativa com a ordem vigente, impossibilitando-as de colidir com o princípio de realidade estabelecido, uma vez que se tornaram bem integradas à sociedade.

Falsa mimese

Como já visto, a indústria cultural realiza a expropriação do esquematismo e dificulta a autonomia, além de absorver a arte séria no entretenimento pueril. Na análise que Horkheimer e Adorno fizeram acerca do anti-semitismo, que infelizmente ainda possui forte atualidade,

os autores descreveram mais dois mecanismos que ajudam a explicar, não somente o objeto em questão, mas também a própria degradação da cultura no que eles denominam semicultura, pois se trata de mecanismos ligados à forma de perceber o mundo e constituir o eu: a falsa mimese e a falsa projeção. Serão expostos aqui somente alguns aspectos da falsa mimese, ainda assim, de forma bastante sucinta, por se relacionar ao conceito de identificação da psicanálise.

Na análise do anti-semitismo, após apresentarem quatro elementos para entender por que o judeu passou a ser o eleito do anti-semita, os autores passam a buscar no próprio anti-semita os motivos subjetivos do anti-semitismo, já que as vítimas são intercambiáveis segundo a conjuntura (Horkheimer e Adorno 1985, p. 160). Ou seja, procurar a origem do anti-semitismo nas características do judeu seria ficar a meio termo da explicação. A falsa mimese possui em alguns aspectos algo em comum com o conceito de identificação da psicanálise, embora, a rigor, sejam distintos, tendo o conceito de mimese origem em Caillois.

A identificação em Freud possui duas formas: ela pode ser, como já foi descrito anteriormente, um processo que contribui para a formação da personalidade, para a individuação, malgrado se encontre ameaçada pelo papel que a indústria cultural tem ocupado nesse processo, e pelo fato de a família hoje se estruturar de forma distinta da época de Freud. Mas a psicanálise também conceitua um outro modo de identificação, o qual foi detalhado em um ensaio que Adorno especialmente apreciava: "Psicologia de grupo e análise do ego" (Freud 1921).¹ Trata-se da identificação que promove uma regressão do indivíduo ao seu ego ideal, em um processo de idealização, abrindo mão do ideal de ego, ou seja, deixando de lado a autoridade paterna e retornando à fase oral, de forma que o sujeito se identifica com um objeto idealizado que contém atributos do próprio sujeito: amar tal objeto é amar a si próprio, de forma semelhante ao mo-

¹ Adorno diz, em "Educação após Auschwitz", que esse texto de Freud, juntamente com "O mal-estar na civilização", deveriam ser amplamente divulgados como um auxílio na luta contra a barbárie (cf. Adorno 2000, p. 120)

mento do narcisismo primário, início da formação do ego. Com base nisso, Freud descreve o funcionamento da massa e sua adesão cega ao líder, o que influenciará Horkheimer e Adorno a pensarem um dos elementos do anti-semitismo, embora utilizem também o conceito de mimese. Freud ainda utiliza a identificação como um mecanismo importante para garantir limites às pulsões agressivas do homem, agrupando os indivíduos em torno de ideais comuns.²

O conceito de mimese, como o de identificação, também possui duas formas: a mimese genuína, que seria capaz de prover o sujeito do conhecimento relativo ao objeto, aproximando-se fisicamente dele, mas resultando numa modificação de si próprio: trata-se da mimese que ficou cada vez mais restrita à arte, resguardando a possibilidade de contato entre sujeito e objeto. Muito diferente disso é o que os autores denominam *mimese da mimese* (Horkheimer e Adorno 1985, p. 172), ou seja, uma falsa mimese. Tal mecanismo é o que explica a idiossincrasia do anti-semita: a que é usada por ele como pretexto para odiar o judeu. Os autores dizem que os motivos referentes à idiossincrasia remetem às origens, quando o ego não dominava impulsos biológicos fundamentais para dominar a natureza, garantindo a autoconservação. Enquanto a mimese genuína é um mecanismo, a identificação pode ser um processo que implica a diferenciação da personalidade, tendo a mimese genuína como um de seus momentos. Já a identificação regressiva das massas aproxima-se do conceito de falsa mimese.

Os autores afirmam que a mimese foi banida para dar lugar a uma práxis racional. “A mimese incontrolada é proscrita” (ibid., p. 168), sendo essa a condição da civilização. Todavia, se considerado o texto de Freud em que teoriza sua segunda tópica, “O ego e o id”, de 1923, percebe-se, em sua definição de ego, que este se perfaz como uma diferenciação do id, sede dos impulsos, possuindo uma dimensão inconsciente,

² Cf. Freud 1929, p. 117; bem como a correspondência entre Freud e Einstein intitulada “Por que a guerra?”.

e que a percepção e a consciência constituem somente seu núcleo (Freud 1923, parte II), o que ajuda a pensar na dificuldade do ego em controlar os impulsos miméticos que foram recalçados. Ou seja, mesmo o ego do indivíduo que Freud descreveu já se vê diante da dificuldade de levar a cabo a difícil mediação entre princípio de prazer e princípio de realidade para que não seja apartado da civilização.

Freud descreveu também a dificuldade em não deixar os impulsos reprimidos voltarem a pedir expressão, por vezes obtendo-a por vias distorcidas. Assim também pode ocorrer com os impulsos miméticos que foram reprimidos no processo civilizatório. O burguês precisa esquecer o mimetismo, mas ele acaba lembrando-o por meio dos gestos e comportamentos alheios, como elementos desprezíveis, tal como descrito por Freud em "O estranho": "o que repele por sua estranheza é, na verdade, demasiado familiar". Há uma identificação, mas logo se nega aquilo com que se identificou, pois isso traria a exata medida do que foi preciso deixar para trás para garantir as atuais formas de produção. Tal identificação recorda uma mimese que era ao mesmo tempo prazerosa e ameaçadora; a lembrança da fragilidade perante a natureza, que o indefeso desperta, provoca fúria em direção ao indefeso: "os proscritos despertam o desejo de proscrever" (Horkheimer e Adorno 1985, p. 171).

Os anti-semitas racionalizam a idiossincrasia para poder ceder à sedução mimética imitando o judeu, ao mesmo tempo em que lhe dirigem toda a sua raiva: "eles não suportam o judeu e imitam-no continuamente" (ibid.). Imitam o que consideram judeu, como o nariz, o que confere ao judeu uma particularidade, mas o cheirar "é o testemunho mais evidente da ânsia de se perder ao outro e com ele se identificar" (ibid.), o que faz o cheiro ser desprezado pela civilização. Freud também lembra como o cheiro foi substituído pelo olhar em relação aos estímulos da sexualidade (Freud 1929, pp. 105-6). Para o civilizado, aderir ao impulso mimético do olfato, recusado pela civilização, apenas é permitido à medida que o civilizado o procura para eliminá-lo, identificando-se com a instância recusadora (Horkheimer e Adorno 1985, p. 172). Esses autores também

expõem as artimanhas fascistas que levavam à manipulação do impulso mimético para conduzir à identificação total entre dominados, e destes com o líder, como símbolos, repetições de palavras e gestos.

Enfim, esta análise, embora bastante sucinta, permite entender o caminho que segue o indivíduo na atualidade, sendo, a cada dia, menos indivíduo. Isso permite pensar que as circunstâncias subjetivas que tornaram possíveis os campos de concentração do nazismo estão presentes atualmente, com a mesma força do passado. A psicanálise possui gritante atualidade e relevância para auxiliar na resistência contra a barbárie, simplesmente pelo fato de expô-la às claras, em suas profundas inervações.

Referências

- Adorno, Theodor W. 2000: "Educação após Auschwitz". In: *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Freud, Sigmund 1921: "Psicologia de grupo e análise do ego". In: Freud 1996, v. XVIII.
- ____ 1923: "O ego e o id". In: Freud 1996, v. XVIII.
- ____ 1929: "O mal-estar na civilização". In: Freud 1996, v. XXI.
- ____ 1996: *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago.
- Horkheimer, Max e Adorno, Theodor W. 1985: *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Laplanche, Jean e Pontalis, J.-B. 1999: *Vocabulário da psicanálise*. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes.
- Marcuse, Herbert 1998: "A obsolescência da psicanálise". In: *Cultura e sociedade*. v. II. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Rouanet, Sergio P. 1989: *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.